

Igor Iury Jurubeba Santos



Povos da África

Povos da África

Igor Iury Jurubeba Santos

Universidade Federal de Mato Grosso
Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação
Programa de Mestrado profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA

Povos da África

Igor Iury Jurubeba Santos

Créditos

Povos da África © 2020.

Direitos desta edição reservados ao autor – Aracaju 2020.

Vedada, nos termos da lei, a reprodução total ou parcial deste material.

Autor: Igor Iury Jurubeba Santos

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pinheiro Rodrigues.

Projeto Gráfico: Roberta Santos

Diagramação: Roberta Santos

As imagens aqui inseridas são utilizadas para fins meramente ilustrativos, o que se aplica, inclusive, a todos os exemplos, modelos e/ou indivíduos constantes deste material.

1ª edição: Maio de 2020

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. POVOS JEJE	15
2.1 Cultura	16
2.2 Política	18
2.3 Economia	18
2.4 A chegada dos europeus	18
2.5 A influência dos Jeje no Brasil	19
3. POVOS BANTOS	21
3.1 Reino do Congo	22
3.1.1 Política	23
3.1.2 Economia	24
3.1.3 Cultura	26
3.1.4 Os Congos e os Portugueses	26
3.2 Reino do Ndongo	28
3.2.1 Política	29
3.2.2 Economia	29
3.2.3 Cultura	29
3.2.4 A chegada dos europeus	30
3.3 A influencia dos Bantos no Brasil	33
3.3.1 Capoeira	33
3.3.2 Maracatu	34
4. POVOS IORUBÁS	35
4.1 Reino de Ifé	37
4.1.1 Política	37
4.1.2 Economia	37
4.1.3 Cultura	37
4.2 Reino de Oyo	38

SUMÁRIO

4.2.1 Política	40
4.2.2 Economia	40
4.2.3 Expansão territorial	42
4.2.4 Decadência	42
4.3 Reino de Benin	42
4.3.1 Política	44
4.3.2 Economia	44
4.3.3 Cultura	45
4.3.4 Decadência	46
4.3.5 A influência dos Iorubás no Brasil	46
5. A ESCRAVIDÃO E O TRÁFEGO NEGREIRO	49
INDICAÇÃO DE FILMES	53
ATIVIDADES	55
QUESTÕES PROPOSTAS	61
GABARITOS	63
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	67
REFERÊNCIAS	71

1. INTRODUÇÃO



1. INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre a África, temos em mente um território sombrio formado por desertos, uma grande floresta, com animais ferozes, cheia de rios infestados de jacarés famintos, além de muita miséria do povo negro africano com a fome, as doenças e as guerras tribais. Já quando o assunto são os negros no Brasil, só vem na nossa mente que eles foram escravizados e subjugados ao domínio do branco colonizador. Esse é o cenário que vem à tona quando nos referimos ao negro em geral, mas essa é uma visão errônea, pois a África é um continente diversificado, com uma pluralidade cultural enorme, sendo considerado o berço da humanidade.

A partir disso, iremos apresentar como produto final desta dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História, um e-book multimídia que servirá como um material complementar ao próprio livro didático da Edebê, que foi objeto de análise desta pesquisa, aos professores de História de outras instituições de ensino, sejam elas públicas ou particulares.

O e-book tem o objetivo de proporcionar a valorização da identidade, da história e da cultura dos negros (as), brasileiros (as) e africanos (as). Este material visa explicar alguns reinos africanos como: O Reino do Congo; O Reino de Ndongo; Os povos Jeje (Reino de Daomé) e os lorubás (Reinos de Oyo, Ifé e Benin). Além deles, também refletiremos a escravidão na África e o Tráfico Negreiro pelo transatlântico.

Queremos mostrar, a partir deste livro digital, as diversas facetas desse continente, não somente a África exótica e misteriosa e com o povo sofrido devido ao processo de escravidão, mas uma África rica em história e cultura. Iremos revelar algumas de suas mitologias, tradições, religiões, grandes reinos, arte e riquezas minerais.

O Brasil tem uma grande dívida com o continente africano e necessita conhecer e valorizar seus costumes e seus hábitos, pois a cultura brasileira tem muito de sua origem nos costumes e hábitos africanos. Aqui formamos a cultura afro-brasileira e nem nos damos conta deste fato. É lamentável que a verdadeira história e cultura negra não seja totalmente revelada e valorizada como deveria.

Dessarte, elaboramos este E-book com o desejo de contribuir para a formação de um pensamento nos estudantes, que possa valorizar a História da África e da cultura afro-brasileira, assim como consta na Lei 10.639/03. Nossa intenção ao produzir o e-book é contribuir para que o legado positivo dos povos africanos seja priorizado, em detrimento de enganos dessa natureza que, conquanto velados, continuarão a existir.

Iremos manter o mesmos reinos que o livro didático da Rede Salesiana Brasil de

Escolas apresentou em seu material, porém, cada reino seguirá a seguinte proposta de estruturação: haverá um texto que sintetiza o conteúdo, acompanhado de uma farta e variada documentação escrita e visual no qual fornecerá informações complementares e esclarecedoras.

Nesse sentido, já que o conhecimento é interdisciplinar e supõe o domínio de linguagens diferentes, o e-book é o produto resultante da minha pesquisa de mestrado e tem formato audiovisual, com atividades integradas ao seu conteúdo. Tem como finalidade cumprir o que determina a Lei 10.639/03, mas também agregar inovação e as diferentes linguagens no ensino de História, propiciando aos docentes uma prática diferenciada e, aos alunos, uma aprendizagem histórica a partir da temática africana incorporada à sua realidade, visando articular política, economia, relações sociais, cultura e religião dos povos africanos.

Não vamos apresentar uma história a partir do ponto de vista dos conquistadores. O aluno vai perceber a história da África de uma forma diferente, especialmente em torno das culturas africanas e das resistências dos seres humanos transformados em escravos. Afinal, para entender o Brasil no seu passado colonial e no seu presente, é necessário resgatar suas influências, lutas, tensões e problemas. E tudo isso passa por retomarmos essas culturas e histórias africanas.

Para começar nossa jornada, pedimos que leia atentamente a notícia abaixo:

Ilê Ayiê conta a história do povo Jeje e leva mensagem contra a intolerância

O tradicional bloco afro Ilê Ayiê desfilou nas ruas de Salvador na noite deste sábado (25), recontando a tradição do povo negro pela 43ª vez. Para o carnaval de 2017, o Mais Belo Dos Belos levou o tema Os Povos Ewé/Fon, a Influência do Jeje Para os Afrodescendentes, como forma de contar a história da chegada do povo Jeje ao Brasil – identidade étnica de alguns africanos escravizados. Como parte da homenagem, alguns terreiros de candomblé – pertencentes à nação Jeje - foram lembrados, inclusive o Terreiro Ilê Axé Jitolú onde surgiu o Ilê Ayiê.

“O tema é muito interessante, porque fala sobre a nossa religião e citamos terreiros importantes. Neste carnaval, nossa cultura e nossa tradição são retransmitidas através de nós. Num momento em que se fala tanto sobre intolerância religiosa, é muito importante ter um tema desse, com as canções que falam disso, cantadas por todo o mundo”, disse um dos fundadores do bloco, Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô do Ilê.

Fonte: MONTEIRO, Syonara. **Ilê Ayiê conta a história do povo Jeje e leva mensagem contra a intolerância.** 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-02/ile-ayie-conta-historia-do-povo-jeje-e-leva-mensagem-contra-intolerancia>. Acesso em: 02 de jan. 2020.

Atividade

Figura 1: Ilê Ayiê, primeiro bloco afro da Bahia, irá celebrar as religiões de matriz africana por meio das contribuições dadas aos afro-brasileiros pelos povos Jeje no carnaval de 2017.



Figura 2: Membros do bloco Ilê-Aiyê no camarote, acompanhando o cortejo.



A partir do texto acima, responda as questões abaixo.

1. A imagem é de um bloco carnavalesco de Salvador. Você conhece?

2. Faça uma pesquisa na internet para saber por que o bloco se chama Ilê Aiyê.

Resposta:

3. Qual a importância de conhecermos a História Africana e a cultura afro-brasileira?

Resposta:

Quer saber um pouco mais sobre o bloco Ilê Aiyê assista a esse vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=-ZutFL4uqnw>

A diversidade dos povos africanos

Os laços históricos existentes entre o Brasil e a África representam um dos aspectos mais importantes para entender uma das etapas de formação da nossa nação. O Brasil foi o destino da maior diáspora do povo africano na história, cerca de 6 milhões de africanos foram deslocados a partir do século XVI, forçadamente para o exercício do trabalho escravo nas mais variadas atividades econômicas no Brasil.

Porém, muito antes dos europeus iniciarem o processo das grandes navegações marítimas, existia na África uma imensa diversidade de grupos humanos, cada qual com modos específicos de vida, línguas e crenças. Algumas dessas sociedades desenvolveram complexas formas de organização econômica, política e social, chegando a construir grandes impérios.

A imensa riqueza cultural, simbólica e tecnológica dos africanos contribui na configuração do povo brasileiro, visto que, além do exercício da mão de obra, os africanos introduziram elementos culturais, sociais e religiosos que permanecem ativos em nossa sociedade.

Mesmo com toda essa importância, verifica-se que poucos brasileiros sabem sobre a África e os africanos, já que sua história quase não aparece nos livros escolares. Logo, a reprodução dos preconceitos que transformaram milhões em cativos é reafirmada na indisposição de melhor compreender os traços culturais e históricos da sociedade africana.

O continente africano possui uma área de cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados. Destes, quase 9 milhões correspondem ao Deserto do Saara. Hoje, a África

é formada por 54 países, e sua população gira em torno de 950 milhões de habitantes, sendo o 2º continente mais populoso do mundo.

Figura 3: Menino Karo, sul da Etiópia



Os grupos étnicos, são estimados em mais de três mil. Ao Norte predominam os caucasoides, principalmente berberes e árabes. Os povos negros do sul do Saara constituem 70% da população e dividem-se entre sudaneses, nilóticos e bantos. Também podemos destacar os bosquímanos, hotentotes, pigmeus, beduínos, bororos e turkanas.

Quer saber mais sobre as etnias existentes na África? Acesse: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/voce-sabe-quantas-etnias-existem-na-africa.phtml>

2. Povos JEJE

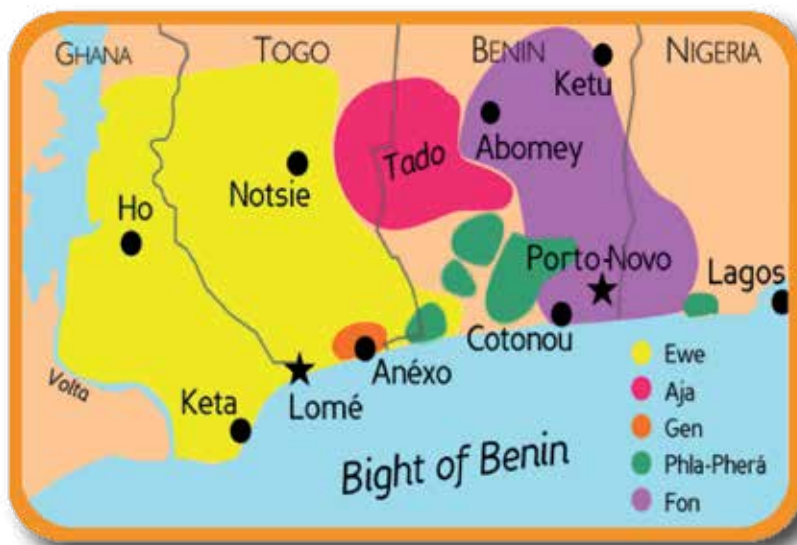


2. POVOS JEJE

Os Jeje (ou gbe) se organizavam em cidades-estados localizadas no litoral do Oceano Atlântico. Esses povos viviam nos reinos de Dahomé, Aladá e Ajudá.

A cultura Jeje, vinda do Antigo Dahomé (área central da atual República do Benin), que antes abrangia o Togo e fazia fronteira com o país de Gana, é, sem dúvida, uma das maiores contribuições culturais deixadas pelo negro fons ao Brasil.

Figura 4: Mapa da cultura Jeje



2.1 Cultura

O povo Fon e o povo Ewé são dois dos principais grupos étnicos e linguísticos da África Ocidental, cuja origem mítica está entre os gbe. Eles possuem como características o uso da língua fongbé, e a maior expressão histórica, política e social desses povos foi proclamada no Benin pelo Reino de Dahomé (significa Terra da Serpente) e na diáspora africana através do vodun. Vodun é o nome das divindades da cultura Jeje.

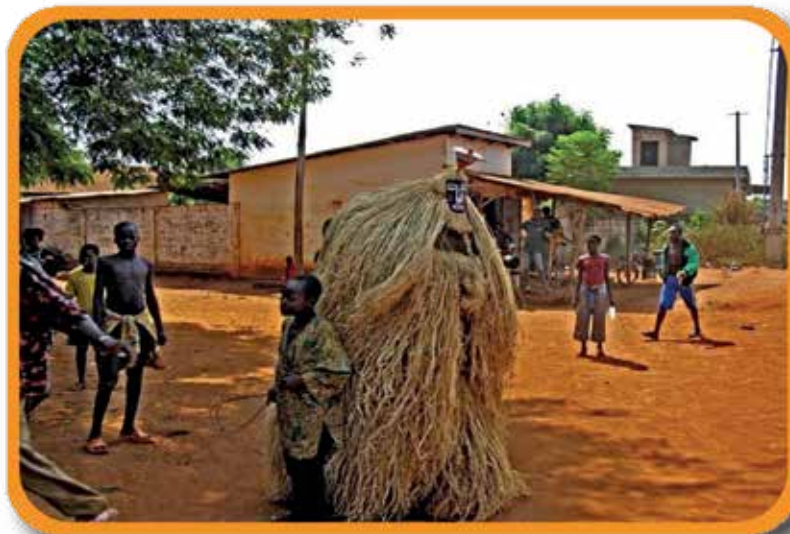
O vodun é uma forma de expressão espiritual que traz traços de religiões africanas, do espiritismo, do animismo e, em alguns casos, da magia e do xamanismo. Ao contrário do que possa parecer — e do que muita gente pensa, graças aos filmes de terror —, o vodu não está focado na magia negra nem na realização de feitiços. É uma religião focada na cura e em fazer o bem na comunidade.

Figura 5: Festival Vodun



Trata-se de uma religião monoteísta, cuja figura central é um deus todo-poderoso que se destaca das demais divindades e ao qual os praticantes referem-se como Bon Dieu — ou Bom Deus, em tradução livre. Mas os praticantes do vodun também acreditam na existência de entidades “menores”, as Iwa. Aliás, assim como aconteceu com a umbanda no nosso país, essas divindades acabaram se fundindo com ícones do catolicismo, e hoje existe um sincretismo entre as figuras das duas religiões. Essas entidades guardam relação com as forças da natureza e os seguidores do vodu invocam-nas para pedir conselhos ou para aprender com elas.

Figura 6: Zangbetos — São guardiões cobertos da cabeça aos pés por uma fantasia feita de palha



No Benin, onde o vodú é largamente praticado, existe a tradicional figura dos Zangbetos. Esses homens patrulham as ruas durante a noite e podem ser possuídos pelo Iwa em determinadas ocasiões, pois, antes que existisse uma força policial oficial no país, os Zangbetos eram os responsáveis por manter a ordem.

2.2 Política

O Reino de Dahomé era altamente centralizado no culto da realeza e estruturado em sacrifícios aos antepassados do monarca. O rei era denominado *dadá* e toda a terra era propriedade direta do rei, que coletava tributos de todas as colheitas obtidas.

2.3 Economia

Economicamente, o Reino de Dahomé lucrava principalmente com o tráfico de homens e mulheres e com as relações com os escravistas estabelecidos na costa. Os reis do Dahomé envolveram-se em guerras para expandir seu território e começaram a utilizar rifles e outras armas de fogo compradas dos europeus em troca dos prisioneiros, que foram vendidos para as Américas.

Destaca-se também a exportação de azeite de dendê produzido em grandes plantações. Pela estrutura econômica do reino, a terra pertencia ao rei, que detinha o monopólio de todo o comércio.

O seu apogeu econômico ocorreu no início do século XIX, com a exportação de grande quantidade de pessoas para o Brasil e Cuba, tanto que o litoral era conhecido como Costa dos Escravos.

2.4 A Chegada dos europeus

No século XVIII o Reino de Oyo submeteu o Reino de Dahomé sob o seu domínio, e então este aceitou integrar-se ao tráfico negreiro do transatlântico, em cooperação com os negociantes europeus, principalmente portugueses, holandeses, franceses e ingleses. Cada reino europeu construiu na costa Atlântica de Dahomé suas feitorias com a finalidade de realizar o tráfico negreiro.

O Dahomé foi, enfim, conquistado pela França em 1892-1894. A maioria das tropas que lutou contra o Dahomé era composta por africanos nativos, a esse fator acrescentou-se o sentimento de hostilidade contra o reino, particularmente entre os iorubás, levando à sua derrota final.

Em 1960, a região alcançou a independência como a República de Dahomé, que mudou mais tarde seu nome para Benin.

2.5 A influência dos Jeje no Brasil

Assim como o cristianismo possui diversas vertentes de expressão, as religiões africanas, mais especificamente o candomblé, também as possuem. O que é chamado de “nação Jeje”, é o candomblé formado pelos povos Ewé/Adja/Fons vindo da região de Dahomé, e pelos povos Mahins, Minas, Fanti, Ashantes e outros. No Brasil, há diversas casas com características diferentes do culto da Nação Jeje. Sua origem foi no Maranhão, mas após um período espalhou-se pelo Nordeste (principalmente Bahia e Pernambuco) e depois por São Paulo e Rio Grande do Sul. O termo “Nação” passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia.

Quer conhecer um pouco mais sobre a riqueza de um ritual de candomblé? Assista a este vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=wt5L_Oh1Ews

3. POVOS BANTOS



3. POVOS BANTOS

Figura 7: Matrizes linguísticas da África



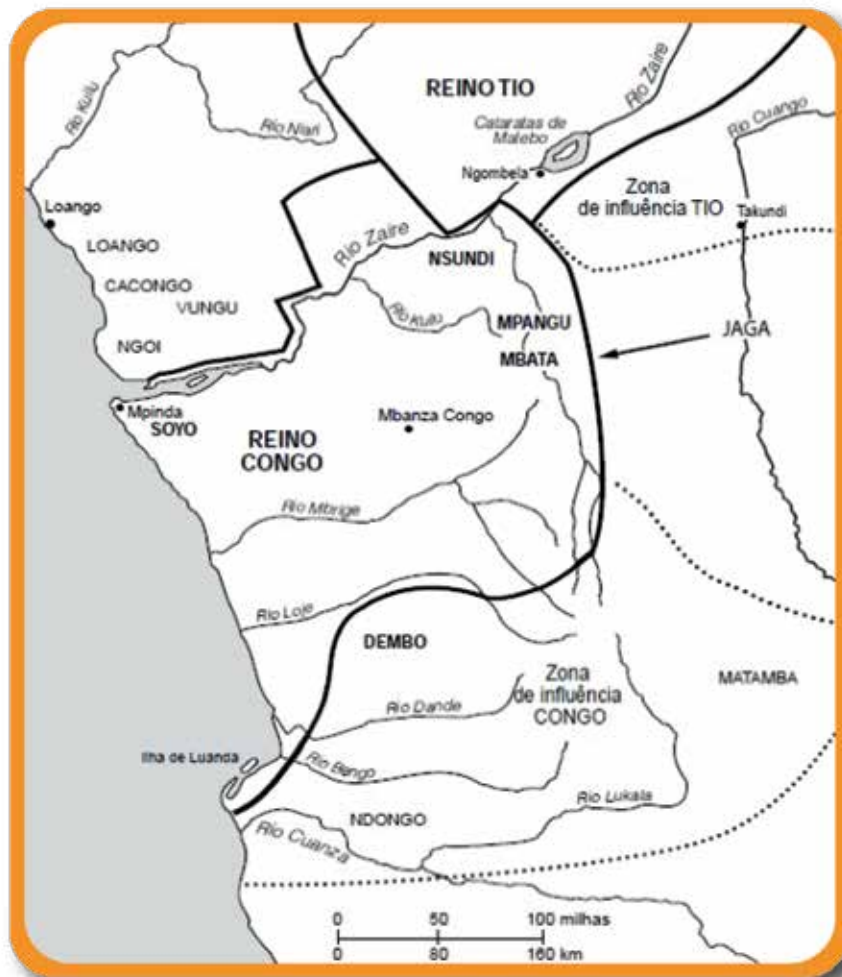
O Reino do Congo fazia parte dos povos bantos, que é um tronco linguístico composto por 470 línguas do grupo nígero-congolês, faladas em toda a região centro-sul da África. Essas línguas são faladas por cerca de 100 milhões de indivíduos concentrados no sul da linha do equador, entre eles, Congo, Angola e Moçambique. Por extensão, os povos que falam essa língua são chamados de bantos.

3.1 Reino do Congo

Ao sul da linha do Equador, às margens do Rio Congo, habitam povos que falavam dialetos da língua Kikongo e de línguas estreitamente aparentadas, pertencentes ao tronco banto. A história desse povo está bem documentada a partir do século XVI, com a chegada dos portugueses, pois alguns de seus reis aprenderam a escrever o português

e deixaram cartas sobre o contato entre africanos e portugueses.

Figura 8: Mapa do Reino do Congo e seus vizinhos no século XVI



O Reino do Congo era gigantesco, ocupava parte dos atuais Gabão, República Democrática do Congo, República do Congo e Angola. A presença desse reino espalhou-se para o norte e sul da foz do rio Congo, comportando 300.000 quilômetros quadrados de área, era bastante povoado e possuía cerca de 2 a 4 milhões de habitantes no século XV.

3.1.1 Política

A origem do Reino do Congo deu-se quando Nimi Lukeni, chefe do povo Kikongo, atravessou o Zaire e casou-se com uma mulher do povo Ambundo. Dessa aliança, entre esses dois povos bantos, emergiu como um reino após 1350, com capital em Mbanza Congo (significa corte), na localização atual de São Salvador. Nimi Lukeni recebeu o título de Manicongo, que significa “senhor do Congo”. Além desse casamento, o império

do Congo foi se ampliando com outros casamentos e conquistas militares de outros territórios.

Figura 9: Manicongo – João I do Congo de nome Nzinga a Nkuwu – Monarca do Reino do Congo



O Manicongo nomeava seus parentes próximos para os cargos-chave do governo das províncias, da magistratura superior e da administração fiscal. A realeza baseava-se em eleições: o conselho real comportava 12 membros – dos quais 4 eram mulheres. Logo, verifica-se a importância da mulher nessa sociedade, tomando decisões políticas da mesma forma que homens. Esse grupo de conselheiros auxiliava o rei a tomar as decisões mais importantes, como declarar guerra ou promover paz e nomear ou depor os governadores das províncias. O Reino do Congo, apesar de ser governado por uma rede de parentes do rei, permanecia fortemente centralizado.

3.1.2 Economia

A base econômica do Congo era a agricultura, devido às potencialidades do regime de chuvas dessa região e à estação seca ser de curta duração. Os principais produtos agrícolas cultivados eram os cereais, inhames, legumes e palmeiras. Da palmeira extrai-

se o óleo de palma e, além disso, faziam tecidos a partir das fibras da palmeira de ráfia. Outra atividade era a pecuária bovina.

O comércio era uma atividade econômica importante para os congoleses. Os principais produtos comercializados eram os artefatos de cobre, marfim, ferro, cerâmica e tecidos vegetais, como a ráfia. O sal, mercadoria rara e preciosa, era controlado pelo rei. A prática comercial poderia ser feita por meio do escambo (trocas) ou com a adoção do nzimbu, uma espécie de concha procedentes das pescarias de uma ilha que fazia parte do reino, a de Luanda.

A civilização conga tinha o domínio da metalurgia do ferro, cobre e do chumbo. O ferro era utilizado para confecção de instrumentos de trabalho (pás, enxadas etc) e também para a produção de armas como espadas, facas e lanças. Já o cobre era utilizado para confeccionar joias. A madeira era utilizada também para fazer instrumentos de trabalho, entre outros, como este representado na imagem 10.

Figura 10: Escultura em madeira, representando a maternidade na atual República Democrática do Congo



3.1.3 Cultura

Coexistiam três classes sociais bem definidas: a nobreza, os aldeãos e os escravos, que se diferenciavam por seu estatuto legal, suas atividades e seu estilo de vida. Os nobres formavam a aristocracia de Mbanza Congo, cujos membros quase, sempre casam entre si. Os aldeões eram compostos por mercadores, artesãos e agricultores, este último formava a maior parcela da população. Os escravos provinham das conquistas militares. Na sociedade congoleza era permitida a poligamia pelo Manicongo, o rei Afonso I chegou a possuir 300 netos e bisnetos.

O dignitário religioso supremo do reino, o mani kabunga (senhor) de Mbanza Kongo, era oriundo de um ramo de parentesco da monarquia congoleza. O dignitário era responsável pelo culto espiritual. A realeza era sagrada. Endereçava-se ao rei chamando-o de Nzambi Mpungu (criador supremo), ou seja, o Congo constituía uma monarquia sagrada, como era no antigo Egito e na Europa do século XVII.

3.1.4 Os congos e os portugueses

Quando o navegador português Diogo Cão, em 1482, aportou no estuário do rio Congo (os africanos chamam de rio Zaire) deparou-se com o poderoso reino do Congo. Ao desembarcar no território africano, o comandante da esquadra portuguesa levantou um marco de pedra com uma cruz na ponta para dizer que a partir daquele momento, o território dos congolezes pertencia ao rei de Portugal, D. João II.

O rei do Congo e os marinheiros portugueses logo estabeleceram relações amistosas e vantajosas para os dois lados. No entanto, tais relações deram lugar a disputas e os portugueses acabaram por tomar e controlar o reino nos séculos que se seguiram.

Após a morte do Manicongo, houve uma disputa entre seus filhos para a ocupação do trono. Nzinga Mbemba venceu com a ajuda dos comerciantes portugueses e começou a reinar no ano de 1505, convertendo-se no ano de 1491 para a religião católica (religião oficial dos portugueses). Nzinga Mbemba adotou o nome lusitano de Afonso I.

Figura 11: Os portugueses perante o Rei do Congo



A imagem acima (Figura 11) mostra a superioridade bélica dos portugueses. Os portugueses portam lanças, capacetes, escudos e armas de fogo. Essa representação do século XVII é uma visão eurocêntrica do reinado do Congo. Analisando com mais detalhes a imagem, visualizamos os europeus venerando o rei retirando o chapéu e ajoelhando-se. Já os africanos estão reverenciando o chefe supremo deitado.

O papel de Afonso I (1505-1543) foi fundamental, pois abriu o país a Portugal, acarretando, assim, uma considerável reorganização política e econômica, bem como uma assimilação voluntária de elementos do cristianismo que acabou por implantar-se ali de forma definitiva.

Figura 12: Realização improvisada de uma missa nas terras congolesas. Curioso é que temos uma celebração cristã em sincretismo com características africanas. Ao fundo temos congoleses manuseando tambores



Afonso I enviou uma embaixada para Lisboa e homens jovens de sua corte para estudar em Portugal. A ajuda militar portuguesa também foi crucial para o monarca congolês derrotar seus inimigos, como o Reino Bateke. Porém, chegaram ao reino traficantes negreiros com o objetivo de capturar homens, mulheres e crianças para escravizar e vender.

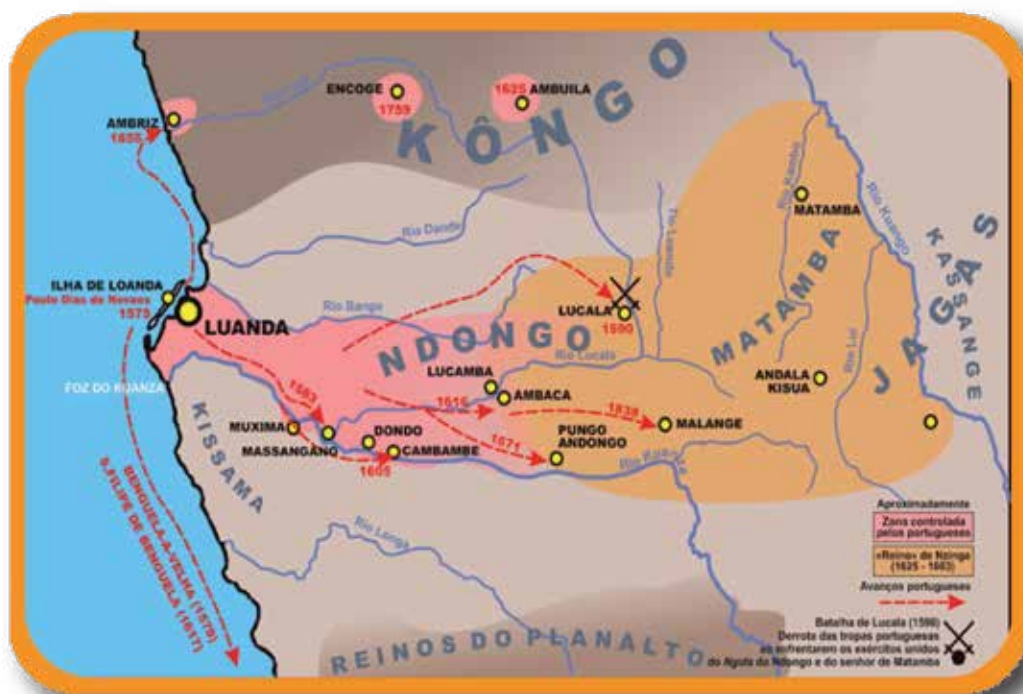
O tráfico negreiro intensificou-se a partir de 1514, e o Manicongo auxiliava esse comércio declarando guerra aos povos vizinhos. Os cativos eram trocados por produtos trazidos pelos portugueses. Apesar dessa situação, diante do elevado número de escravos que saíam de sua região, o rei Afonso I temeu pelo provável despovoamento do seu território e a perda de força de trabalho cativa.

Antes do fim de seu reinado, o Reino do Congo iniciou um processo de declínio, no qual a prática do tráfico de seres humanos aumentou cada vez mais.

3.2 Reino do Ndongo

Os territórios do então chamado Reino do Ndongo compreendiam faixas de terra entre dois importantes rios da região: o Kwanza e o Bengo. Cercado por importantes reinos da África Centro Ocidental, como o Congo e a Matamba, o Ndongo era habitado pelos mbundus, povo de origem banto, falante de kimbundu, teria migrado para a região buscando áreas com melhores potenciais agrícolas.

Figura 13: Mapa do Reino do Ndongo



3.2.1 Política

O Estado de Ndongo cujo rei carregava o título de *Ngola* (que deu origem à palavra Angola), estava em formação por volta de 1500. Contrariamente ao Congo ou ao Loango, que eram coligações de grandes províncias, o Ndongo constituiu-se pela conglomeração de um grande número de pequenas chefias, confirmando, assim, a tendência para uma organização estatal de origens muito menos profundas do que no Congo e no Loango. A sucessão real entre os mbundus deveria seguir os princípios baseados na matrilinearidade, válida na poligâmica sociedade do Ndongo, na qual o sucessor do Ngola deveria ser filho da esposa principal do rei; caso esta não tivesse filhos, o herdeiro deveria ser o filho da segunda esposa.

No Ndongo não havia governadores de províncias, cada uma dessas regiões dividia-se em numerosos chefados (*sobados*), na sua maioria autônomos. O poder do Ngola era restrito e limitado. Muitos dos sobas (*Soba*: do quimbundo, senhor de um distrito) que viviam em seus domínios eram totalmente independentes, ou por razões geográficas que dificultavam o acesso a esses *sobados*, ou pela ausência de legitimidade do poder político do Ngola junto a esses chefes locais.

Além do Ngola e dos sobas, existiu no Ndongo um grupo extremamente poderoso: os *makotas*. Esses eram homens descritos como idosos, que exerciam a função de aconselhar o Ngola. Sua influência era tamanha que chegava a limitar o poder dos sobas e até mesmo a interferir nos processos de sucessão dos Ngolas.

3.2.2 Economia

O comércio de escravos em Angola, por mais de dois séculos gerou altíssimos lucros aos portugueses. Com o tempo, a coroa portuguesa fundou cidades e construiu fortalezas mesmo em regiões distantes do litoral, no interior do antigo reino. Na medida em que avançaram para o interior, buscaram fazer contatos e negociar com líderes africanos de outros reinos. Trocavam os escravos pelos mais diversos itens: joias, espelhos, objetos de cobre, vidro e ferro, além de pólvora e armas de fogo.

3.2.3 Cultura

Um componente cultural marcante do povo mbundu foi a valorização das tradições e a força da oralidade na preservação de valores e crenças. Graças a isso, a tradição do rei ferreiro foi preservada em várias regiões da África Centro Ocidental, ponto que pode ser percebido também no uso de insígnias comuns em diferentes regiões.

Quando se trata da tradição oral africana, temos que mencionar a figura dos Griô ou gritos, que eram os contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares. Na África Antiga eram responsáveis por firmar transações comerciais entre os impérios e comunidades e passar aos jovens ensinamentos culturais, sendo, atualmente, a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos.

Figura 14: Um griot se apresentando em Camarões (Foto: ©Prosper Pérez/ WikiCommons)



Utilizando instrumentos musicais como o agogô e o akoting (semelhantes ao banjo), os griots e griottes estavam presentes em inúmeros povos, da África do Sul à Subsaariana, transitando entre os territórios para firmar tratados comerciais por meio da fala e também ensinando às crianças de seu povo o uso de plantas medicinais, os cantos e danças tradicionais e as histórias ancestrais. Diferente da civilização ocidental, que prioriza a escrita como principal método para transmissão de conhecimentos e tem, historicamente fadado povos sem escrita ao âmbito da “pré-história”, em sociedades de tradição oral a fala tem um aspecto milenar e sagrado, e deve-se refletir profundamente antes de pronunciar algo, pois cada palavra carrega um poder de cura ou de destruição.

3.2.4 A chegada dos Europeus

No século XVI, os portugueses chegaram na região dos Bantos à procura de escravos. Alguns grupos de Ndongo fizeram acordos comerciais com os portugueses, fornecendo escravos capturados, que eram embarcados para a colônia portuguesa nas Américas, ou seja, para o Brasil. Em razão de os tributos a pagar em Ndongo serem

menores do que aqueles cobrados no Congo, os portugueses decidiram ocupar também aquela região. Mas Ndongo não era um reino unificado, ou seja, cada grupo dentro do reino possuía um líder, e nem todos os líderes concordavam com a presença dos portugueses em seu território.

Figura 15: Chegada dos Europeus no Reino do Ndongo



Mesmo assim, a coroa lusitana conseguiu expulsar o *ngola* da capital do reino. O soberano continuou resistindo, mudando sua capital e sua corte para outros locais, onde teve apoio de grupos também organizados para resistir aos portugueses. Os lusitanos, apesar de tudo, estabeleceram uma capitania na região, a qual passaram a chamar de Angola, nome derivado do título do governante de Ndongo, e que mais tarde deu nome ao país que existe nos dias atuais.

Cada vez mais, o equilíbrio entre reinos diferentes ia sendo quebrado, pois quem tinha o apoio dos portugueses e de outros europeus tinha armas e também soldados em seu auxílio. A desigualdade entre as forças tornou-se cada vez maior.

Um tratado de paz foi então elaborado em 1622 e 1623, sendo o *ngola* representado por sua irmã, Nzinga Mbande – rainha Ginga dos documentos da época – embaixadora plenipotenciária de seu tio, o Ngola. Ela quem foi batizada em Luanda com o nome de Anna. Todavia, colocou-se à frente de um partido antiportuguês. O rei morreu no início do ano de 1624 (homicídio ou suicídio?), Nzinga tornou-se regente e depois rainha, em 1626.

Figura 16: Monumento à Rainha Njinga Mbandi, no largo do kinaxixi. Luanda. É considerada pela história africana como uma grande líder, especialista na diplomacia.



Quer saber mais sobre a rainha Ginga? Veja sua história em quadrinhos acessando link: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931>

Quando os holandeses ocuparam Luanda, Nzinga aliou-se a eles contra Portugal, mas logo depois os batavos foram expulsos, porém, a rainha Nzinga e seus guerreiros continuaram a se opor aos portugueses, que ocupavam a capital do Reino. Como essas ações prejudicavam muito o comércio de escravos, os portugueses decidiram negociar com a rainha outra vez. Ela aceitou um acordo. Mais tarde converteu-se ao cristianismo e recebeu religiosos em seu reino.

Após a sua morte, 7000 mil soldados da rainha Ginga foram levados para o Brasil e vendidos como escravos. Os portugueses passaram a controlar a área em 1671. No Brasil, o nome da rainha Ginga é referido em vários folguedos da Festa de Reis dos negros do Rosário, onde reis de congo católicos lutam contra reis que não aceitam o cristianismo.

Figura 17: Cortejo do Rei e da Rainha, na cidade Uberlândia, Minas Gerais.



A congada é a mistura das festas trazidas pelos negros escravizados, com a religiosidade cristã praticada na colônia. A congada conta a história do embaixador de Angola que, em nome da rainha Ginga, visita o rei do Congo num dia de festa e quase causa uma guerra. Há luta, mas os cristãos vencem.

3.3 Influência dos bantos no Brasil

Os grupos bantos que vieram escravizados para a América portuguesa deixaram, com seus costumes e artes, inúmeras influências culturais que perduram até hoje no Brasil. O jogo da capoeira, os instrumentos musicais, como o berimbau e a cuíca, as danças da congada e do maracatu são algumas delas.

3.3.1 Capoeira

A capoeira foi criada no século XVII pelo povo escravizado da etnia banto e difundiu-se por todo o Brasil. Hoje, é considerada um dos maiores símbolos da cultura brasileira. Uma característica que distingue a capoeira de outras lutas é o fato de ser acompanhada por música. É a música que decide o ritmo e o estilo do jogo, que é praticado no decorrer da roda de capoeira, um círculo de pessoas onde a capoeira é jogada.

Figura 18: Roda de Capoeira



3.3.2 Maracatu

O maracatu é uma manifestação do folclore brasileiro que envolve dança e música. Esta manifestação cultural relaciona-se com o candomblé e com a coroação dos reis do Congo. Sua origem no Brasil remonta à época Colonial e consiste em uma mistura das culturas africana, portuguesa e indígena. É, portanto, uma expressão genuinamente brasileira e foi criada no estado de Pernambuco, sendo presente, sobretudo, nas cidades de Olinda, Recife e Nazaré da Mata.

Figura 19: Personagens do Maracatu Nação



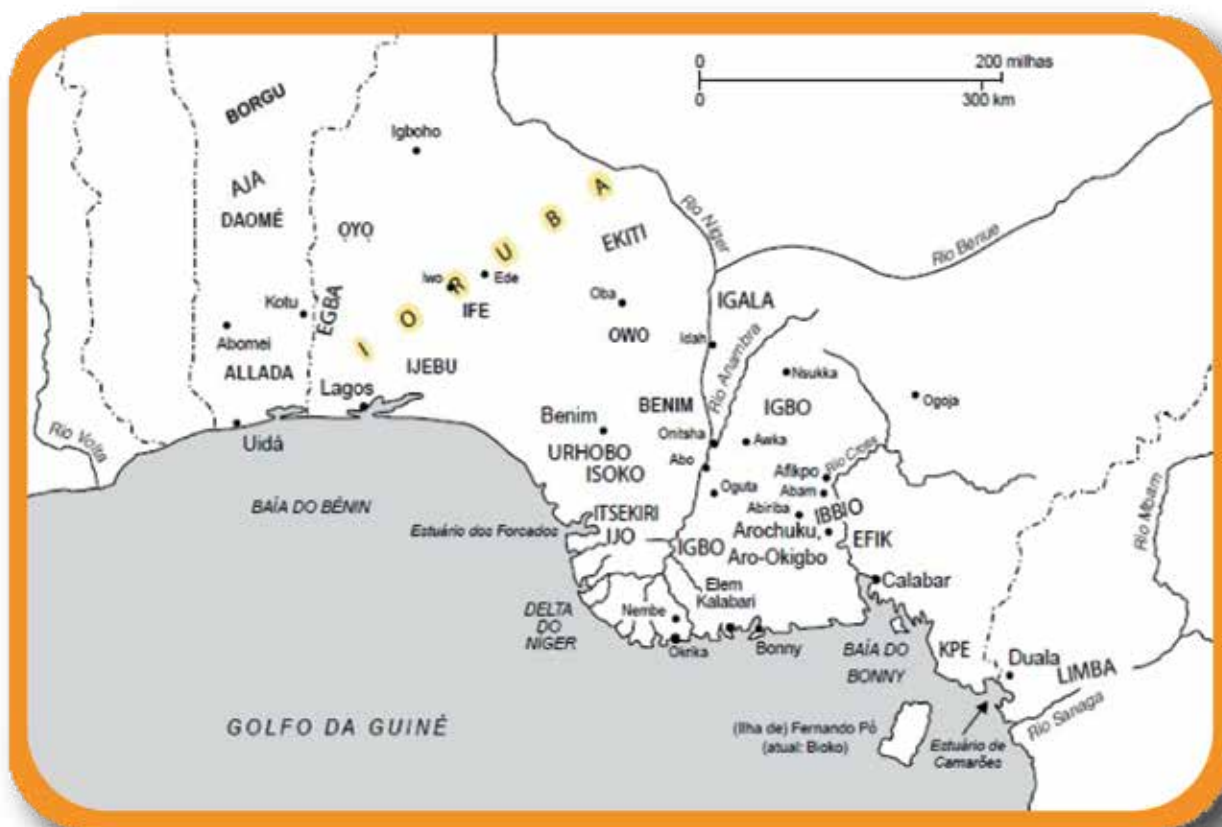
4. Povos Iorubás



4. POVOS IORUBÁS

O povo iorubá estava localizado na costa litorânea do Oceano Atlântico e se organizava em cidades-estados, pequenos reinos independentes que mantinham trocas mercantis e legitimidade política, mas que nunca haviam criado na região uma espécie de Império ou Estado unificado, como era o Reino do Congo. Os mais famosos reinos dos iorubás eram Benin, Ifé e Oyo.

Figura 20: Mapa do povo Iorubá



O povo iorubá é responsável, atualmente, pela composição de 20% da população da Nigéria, sendo um dos maiores grupos étnicos do país. É importante destacar que a Nigéria é o país mais populoso do continente africano, somando 205 milhões de habitantes.

O termo Iorubá

O uso do nome 'Iorubá', para referir-se ao conjunto do grupo, desenvolveu-se recentemente, em um período que não antecede em muito o século XIX. Originalmente, o nome servia apenas como referência a um reino iorubá, o de Oyo. Em tempos mais remotos, os próprios povos que falavam o iorubá não utilizavam esse nome para chamar

uns aos outros. Eles, contudo, acreditavam em uma origem em comum, vinda da cidade iorubá de Ilê Ifé. O termo iorubá está ligado mais a um tronco linguístico do que à construção de uma unidade política, econômica, social e cultural dos diversos povos que habitavam a região.

4.1 Reino de Ifé

A cidade de Ifé - capital espiritual dos iorubás - teria seu surgimento ou ocupação por grupos humanos datada aproximadamente entre os séculos IX e X. Os relatos mitológicos e os dados arqueológicos tornaram Ilê-Ifé o centro da formação e origem de todos os reinos iorubás.

4.1.1 Política

O reino de Ifé possuía uma região de influência que se estendia por uma significativa área, relacionando diversas cidades-reino à sua tutela religiosa. O monarca de Ifé era chamado de *Oni*, e estavam concentrados em suas mãos os poderes políticos e religiosos.

4.1.2 Economia

Um dos destaques de Ifé era sua metalurgia. Produziram cabeças humanas em tamanho natural feitas de latão, cobre e bronze com riquezas de detalhes que até hoje impressionam pela perfeição. Essas cabeças eram representações de reis, soldados, músicos e deuses. Usavam também a terracota para fazer essas esculturas, adornadas com panos, colares e pulseiras.

Ifé entrou em declínio econômico, e é possível que tenha sido substituída pela cidade de Oyo a partir do século XVI, mantendo-se, no entanto, como centro religioso de grande importância. Nos séculos XVII e XVIII, o Reino de Oyo tornou-se o mais poderoso dos reinos iorubás, pois tinha uma forte organização militar, composta de arqueiros e uma bem estruturada cavalaria. Esse reino foi extinto no século XIX.

4.1.3 Cultura

Técnica e visualmente, as obras de arte de Ifé estão entre as mais importantes do mundo. Incluem cabeças de tamanho natural (arte naturalista) e figuras humanas em terracota e bronze, vasos de cobre quase puro. A sofisticação alia-se à audácia tecnológica e às notáveis qualidades estéticas. O resultado é uma visão do brilhantismo

da civilização Ifé, que possibilita a compreensão de preocupações culturais e a profunda importância da arte como testemunho histórico.

Figura 21: Escultura em Bronze, Latão do séc. XIV, localizado no Museu Britânico, Londres



4.2 Reino de Oyo

A cidade de Oyo, ao norte de Ifé, tem suas origens localizadas entre os séculos XI e XIII. O nascimento do Oyo está ligado ao Ifé e ao Benin, pois que seu fundador, o legendário Oraniã, teria reinado simultaneamente no Ifé e no Benin antes de voltar a Oyo. O Oyo tornou-se o porta-estandarte do poder iorubá nas zonas setentrionais e ocidentais da região.

Figura 22: Localização de Oyo.



Lendas dos Orixás: Oraniã

Seu fundador, segundo a mitologia iorubá, foi Oraniã – filho de dois pais, Ogum e Odudua –, que acabou por tornar-se seu primeiro rei. Um de seus primeiros reis teria sido Xangô – mais tarde transformado no orixá da justiça, senhor dos raios –, filho de Oraniã, e do qual descenderiam os demais reis de Oyo.

Figura 23: Ogum



Ogum venceu a guerra contra Ogotum.
Do espólio da guerra trouxe sete escravas.
Uma delas era Lacangê, mulher de rara beleza.
Ogum amou-a em segredo, escondendo-a para si.
Mas seus falsos amigos revelaram o segredo a seu pai Odudua.
O pai ordenou a Ogum que trouxesse a escrava à sua presença.
Encantado com ela, Odudua a fez sua esposa.

Nove meses depois, Lacangê teve um filho.
O menino deixou a todos espantados.
Do lado direito, tinha a pele negra, como a de Ogum;
do lado esquerdo, a mesma pele alva de Odudua.
Ogum e Odudua entreolharam-se, sem nada dizer.
Esse menino recebeu o nome de Oraniã.
Um dia foi um grande guerreiro,
fundou o reino de Oyo e foi pai de Xangô.

****Oraniã = orixá das profundezas da Terra.***

Quer conhecer mais sobre os orixás da África? Acesse o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=n0c9DgzqkrE&t=100s>

4.2.1 Política

A organização política desse reino era comandada por um rei que possuía poderes de um deus. Denominado Alafim (companheiro dos deuses), reunia poderes políticos, administrativos e religiosos. O Alafim ficava no poder por no máximo 14 anos, e possuía um conselho de anciões formado por 7 membros.

4.2.2 Economia

A base econômica era o comércio com as regiões vizinhas, no qual o rei de Oyo cobrava impostos sobre seus habitantes. A estrutura das cidades iorubás revelava a importância da atividade mercantil, já que todas possuíam praças onde funcionavam mercados que vendiam não só produtos locais, mas também os trazidos de outras regiões.

Oyo pôde, sem dúvida, conseguir cavalos, potassa (kanun), sal em pedra (obuotoyo), dentre outros produtos do Norte, exportando nozes-de-cola, manteiga de karité e outros produtos extraídos das palmeiras.

Possuíam uma agricultura basicamente de subsistência autossuficiente e, assim como boa parte dos outros povos da região, ela se beneficiou de sua posição geográfica, acima da floresta, com terras melhor agricultáveis.

O Alaafin do Império de Oyo chegou

No dia 28 de Julho acontecerá a abertura do 1º Seminário para Preservação do Patrimônio Cultural Compartilhado entre o Brasil e a Nigéria, como resultado da iniciativa conjunta de cinco Templos da Tradição Iorubá-Nagô que já foram devidamente tombados como patrimônio nacional do Brasil.

Esse seminário contará, sobretudo, com a valiosíssima participação de representantes vindos da Nigéria, um dos principais berços das religiões tradicionais africanas preservadas no Brasil. Integrarão o grupo: o Ministro da Cultura do governo nigeriano, líderes tradicionais representantes da diversidade cultural da cidade de Oyo e, finalmente, Sua Majestade Imperial, o Alaafin de Oyo, Oba Ladeyemi III, acompanhado de sua comitiva tradicional. Este último é tido como pai e guardião do povo Iorubá, herdeiro da coroa de Xangô.

Figura 24: O Obá (Rei em Iorubá) Lamidi Olayiwola Adeyemi III



4.2.3 Expansão Territorial

O rei de Oyo formou um exército forte, com destaque para a cavalaria, facilitando o domínio sobre quase todos os povos vizinhos que ainda não dominavam essa arte da guerra. O chefe do exército era chamado de *baxorum*. Obedecendo a hierarquia militar, logo abaixo vinham os *exós* (comandantes), que eram compostos por 70 militares, cada qual possuía tropas de homens habilidosos na guerra, como por exemplo, os arqueiros, a cavalaria na sua grande maioria era montada por escravos. Oyo nunca abrangeu todos os povos de língua iorubá mas ele foi, de longe, o mais populoso reino na história iorubá.

4.2.4 Decadência

Oyo vivera seu período de expansão a partir do século XIV, chegando a subjugar os povos vizinhos do antigo Reino do Daomé, tendo-se mantido livre da presença europeia até o começo do século XIX, quando esta foi arrasada e a autonomia iorubá desmantelada. Só então os negros dessa etnia foram maciçamente incluídos entre os escravos de guerra.

Quando os europeus entraram pela primeira vez nas principais cidades iorubás admiraram-se não só com o seu nível de urbanização, mas com a beleza de sua arquitetura e estatuária sagrada. Cada cidade era organizada em torno do culto a uma divindade específica, a qual, muitas vezes relacionava-se intimamente com algum poder ou força da natureza, bem como, com o passado mítico das dinastias reais, como no caso de Xangô, Oraniã e Ogum. No momento da invasão europeia, constatou-se que aquele povo já há muito desenvolvia a metalurgia e produzia sofisticadas manufaturas.

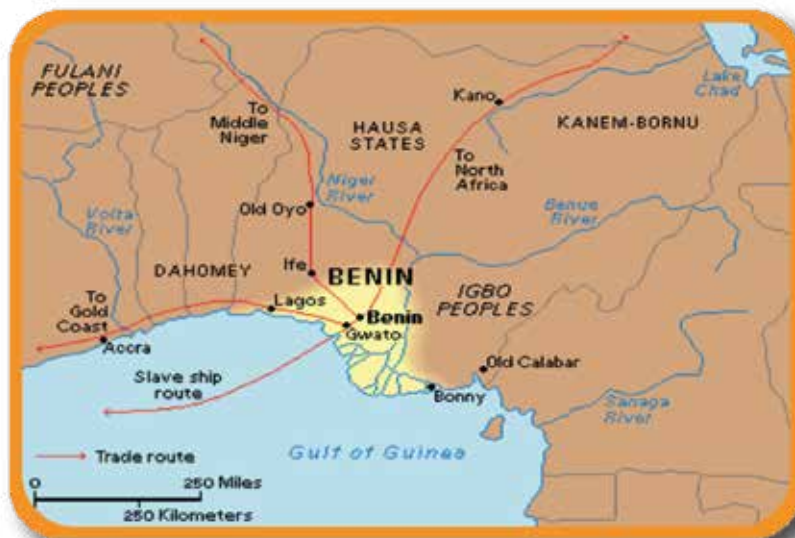
4.3 Reino de Benin

Reino localizado a sudoeste de Ifé, seu território é atualmente ocupado pela Nigéria e por Camarões.

Figura 25: O mapa não só mostra a área que o Reino de Benin abrangeu (Amarelo),

mas também várias rotas comerciais e cidades importantes como Gwato.

Segundo relatos populares, o último rei da dinastia mítica dos ogiso, que reinava



sobre o Benin antes da chegada do iorubá, foi destronado na ocasião de uma revolta. Ele foi substituído por um príncipe de Ifé, chamado Oraniã, filho do oni Oduduwa e, desde tal época, rezava o costume que o Obá do Benin fosse decapitado após sua morte, que seu crânio fosse enviado a Ifé, para lá ser enterrado no recinto sagrado (orun oba ado) e que, em troca, uma cabeça comemorativa de latão fosse enviada ao Benin e colocada sobre o altar dos ancestrais reais.

No final do século XIV, o sexto obá, Oguola, teria proposto a vinda, ao Benin, de um fundidor de metal de Ifé para aí ensinar a sua arte. Dizem que o oni Ihe enviou Ighehae. Tal mestre, que talvez seja mítico, hoje é venerado como o fundador do igun eromwon, a corporação dos fundidores, sendo-lhe dedicado um santuário. O sexo masculino dessa cabeça comemorativa é indicado pelas três riscas verticais acima de cada olho (uma mulher teria quatro dessas riscas).

O obá data da época chamada Média, situada entre a metade do século XVI e o fim do século XVII. Desapareceram as incrustações verticais em ferro, características da época anterior; o pescoço e o queixo estão cobertos por vinte anéis de coral e o tratamento do rosto foi, a partir de então, mais desprovido de qualquer realismo.

A maior espessura do metal deveu-se, talvez, à técnica de fundição tornada menos

rigorosa, embora também possuísse uma justificação prática, pois o peso tornava a cabeça mais apta a portar as agulhas esculpidas em marfim que, segundo o costume, eram inseridas na abertura circular da abóbada do crânio.

Figura 26: Cabeça comemorativa, de latão, de um obá do Benin (Nigéria). (Foto: J. Ploskonka)



4.3.1 Política

O governante deste estado africano pré-colonial recebia o título de Ogiso (rei do céu), sendo registrado pela história cerca de 36 desses príncipes existentes ao longo de sua história. Eram, inicialmente, senhores da guerra, e com o tempo foram convertendo-se também em líderes espirituais (obás).

O Reino de Benin contou, ao longo de sua trajetória, com poderosos obás. No século XV, um desses obás, Ewuare, promoveu intensas reformas no reino, transformando Benin em uma grandiosa potência subsaariana.

4.3.2 Economia

Entre 1480 e 1504, o rei estabelece relações comerciais e diplomáticas com Portugal, em meio às explorações do país europeu, que vinha estabelecendo contato com os

mais diversos povos do litoral africano, sendo que, próximo a Benim, os portugueses fundariam o entreposto comercial de Lagos.

Manteve relações comerciais com outros mercadores europeus que comerciavam óleo de palma, marfim, pimenta e produtos têxteis.

4.3.3 Cultura

Os artistas deste país eram bastante famosos na Idade Média pelos seus trabalhos em marfim incrustado, peças de joalheria, cabeças e peças para altares em bronze, e também pela produção de placas ornadas por relevos.

Figura 27: Obá Esigie, no centro, montado a cavalo em uma procissão real, tem os braços amparados por servidores jovens, enquanto outros dois protegem sua cabeça. Seus pés estão apoiados sobre um servidor anão. O rei usa coroa e colares de coral que lhes cobrem a boca. Latão, 48 x 39 x 2 cm, séc. XVI-XVII, Edo/Reino de Benin, Nigéria, Museu Etnológico de Berlim



Sendo um monarca divino, a influência do obá não desaparecia quando este morria. Em sua homenagem era fabricada uma cabeça de metal, que representava o obá falecido com feições jovens e personalizadas. Colocadas sobre altares, elas significavam um canal de comunicação entre os vivos e os mortos. Os altares dos ancestrais ainda são os principais meios pelos quais um obá transcende o mundo terrestre para comungar com seus antecessores para o bem do reino.

Assim, as cabeças de bronze de Benin não são apenas objetos de memória, mas codificam ritos religiosos e políticos que garantem a continuidade dinástica e a identidade social do povo. Por meio delas, o obá reinante comunicava-se com seus ancestrais e reafirmava o caráter divino e espiritual de sua liderança.

O cobre e o estanho (assim como o zinco) são indispensáveis na fabricação do bronze, e sabe-se que existia uma admirável arte do bronze em Benin e Nupe, antes mesmo de chegarem os portugueses à costa Atlântica.

A principal língua falada no Império era a língua edo, que subsiste ainda, falada por cerca de 1 milhão de falantes entre a população nigeriana.

4.3.4 Decadência

O Reino de Benim também participou no comércio de escravos, embora essa atividade fosse restringida depois de meados do século XVI, quando o rei permitiu apenas a exportação de escravos do sexo feminino.

O Império entrou em decadência nos séculos XVIII e XIX, culminando na sua anexação pelos ingleses em 1897. No século XX, os obás, ou reis, assumem ainda a função de líderes, embora apenas cerimonialmente.

4.3.5 A influência dos lorubás no Brasil.

É importante registrar que muitos dos escravos africanos de origem nagô (como também são chamados os iorubás) que vieram para o Brasil, provinham do Reino de Benin. Como a cultura de Benin não teve influência islâmica, suas famosas esculturas representavam figuras humanas e animais, repercutindo bastante na formação cultural brasileira.

Figura 28: Casa de Pai Anderson, Rio de Janeiro (Foto: Natalia da Luz / UNIC/RIO).



As principais heranças culturais dos iorubás no Brasil foram no aspecto religioso e no vocabulário. Essas influências estão intimamente relacionadas com o processo de resistência desses povos negros quando chegaram ao Brasil. Para a sobrevivência de sua religião, os iorubânos usaram estratégias sincréticas de convivência com a religião oficial católica.

A partir disso, as religiões de matrizes africanas mostram essa forte ligação entre o Brasil e o continente africano. E o Candomblé é hoje uma das religiões afro-brasileiras mais influentes em nosso país. Apesar da grande popularidade, ainda hoje essa religião sofre bastante preconceito, já que, por muito tempo ela era considerada feitiçaria, devido ao fato de que a religião católica era a oficial do Brasil e não aceitava qualquer outra crença.

A palavra “candomblé” significa “dança” ou “dança com atabaques” e é uma das religiões africanas mais praticadas no mundo. Essa religião cultua os orixás, normalmente reverenciados por meio de danças, cantos e oferendas.

Quer saber mais sobre o vocabulário que herdamos do povo iorubá? Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=qgd7J9vkdE4&t=167s>

Intolerância religiosa no Brasil

O artigo 5º da nossa Constituição atual prevê que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. Mas nem sempre foi assim. A Constituição de 1824, por exemplo, declarou oficial a religião católica no país e proibiu a realização de cultos públicos de outras religiões.

A partir da Constituição de 1891 houve a separação oficial entre os assuntos religiosos e do Estado, ou seja, o país passou a ser laico. Isso significa que não é permitida a interferência de assuntos religiosos na atuação do Estado. A Constituição atual, além de manter a determinação de que o Estado é laico, garante a liberdade religiosa.

Apesar de nossas leis determinarem a liberdade religiosa, exercer uma fé pode não ser tão livre assim no Brasil. Considerada crime de ódio, manifestações de intolerância religiosa são comuns no país e ferem tanto a Constituição quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Segundo o Disque 100 do Ministério dos Direitos Humanos, há, em média, uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas no Brasil. Acredita-se que esse número seja maior, pois muitas ocorrências não são denunciadas.

Segundo dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos, de 2011 a 2014 foram feitas 504 denúncias de intolerância religiosa. As religiões mais atacadas foram as de matriz africana, umbanda e candomblé, em segundo lugar estão religiões evangélicas, e em terceiro, espíritas.

5. A ESCRAVIDÃO E O TRÁFICO NEGREIRO



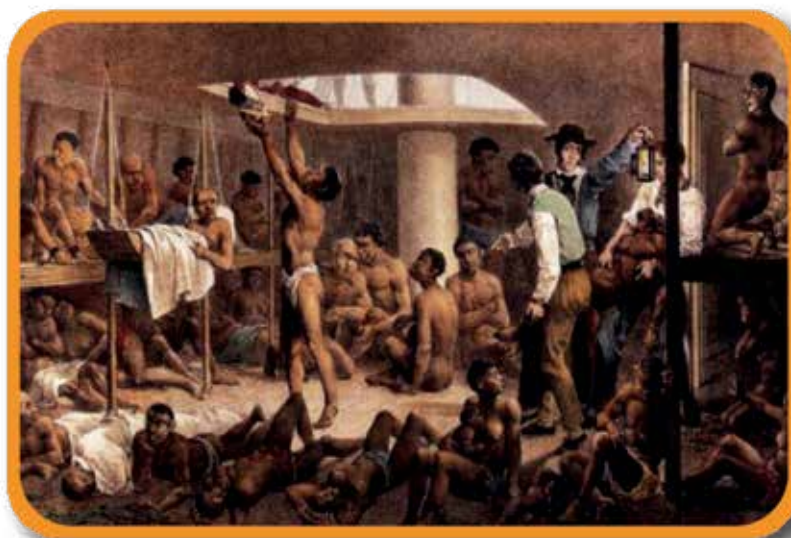
5. A ESCRAVIDÃO E O TRÁFICO NEGREIRO.

A escravidão existia na África desde a Idade Antiga e ocorria, na sua grande maioria, de forma doméstica, mas com grande importância na vida social das aldeias e dos reinos. Muitas vezes os escravos eram integrados à vida familiar e seu uso representava prestígio e poder.

A escravidão interna da África era realizada por diversos fatores: punição por crimes, pagamento de dívidas, prisioneiros de guerra, garantia como penhor, entre outros. A grande diferença da escravidão praticada no Brasil a partir do século XVI e a escravidão da antiguidade africana é que não possuía o sentido capitalista, no qual o interesse no lucro resultante do comércio de seres humanos era o elemento fundamental para a acumulação de capital dos Estados Modernos europeus durante a fase mercantilista.

Do século XV ao XVIII o tráfico negreiro foi o elemento exterior predominante sobre os povos acima estudados. Nos relatos orais de diversos povos africanos (localizados no delta do rio Níger) a princípio, o comércio de escravos foi um fator positivo, que trouxe prosperidade e crescimento demográfico, além de um certo desenvolvimento no seu sistema político, social e moral.

Figura 29: Negros no Fundo do Porão – 1835 – Litografia de J. M. Rugendas



Alguns desses povos que se localizavam na costa do Oceano Atlântico exerciam o papel de intermediários: alguns recebendo dos europeus produtos em troca da captura de cativos, enquanto outros povos não se lançavam à guerra ou à caça aos escravos a fim de capturá-los, porém, compravam-nos de outros grupos para vendê-los aos negreiros ou para ficarem com alguns.

As trocas de mercadorias por corpos marcaram as primeiras etapas do tráfico negreiro. Produtos como cachaça, tabaco, chapéu com penacho, tecidos, objetos de cobre, objetos de estanho, espelhos, miçangas e armas eram oferecidos aos líderes dos reinos africanos em troca de homens escravos.

Contudo, os povos africanos, mais tarde, percebiam que, com a intensificação do tráfico negreiro, os seus reinos foram arruinados face a violência que os europeus impunham no processo de caça humana a essas civilizações. Observe com atenção a tabela abaixo que mostra os indicadores desse tráfico.

Tabela 1: Exportações de escravos da África: o comércio Atlântico

Periodo	Número de escravos computados
1500 - 1600	277.506
1601 - 1700	1.875.632
1701 - 1800	6.494.619
1801 - 1900	3.873.580
TOTAL:	12.521.337

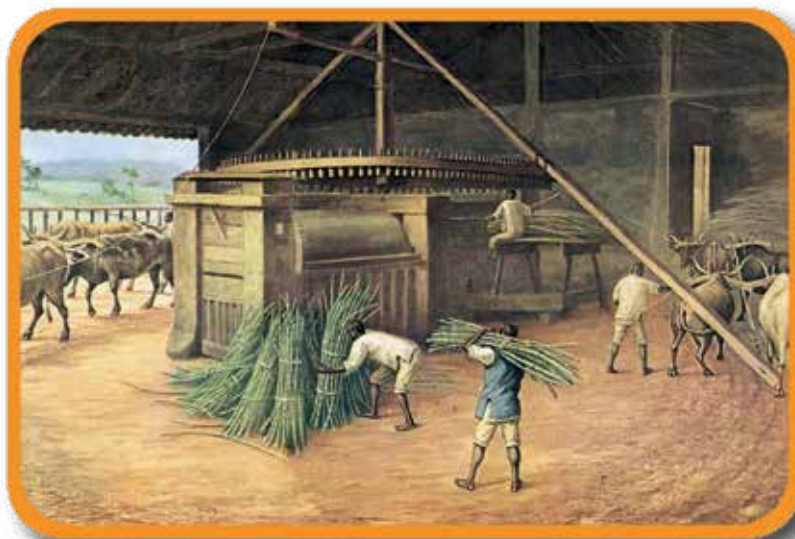
Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em: 21 maio 2020.

Logo, os colonizadores europeus voltaram-se para a África com o objetivo de capturar trabalhadores escravizados para construir as cidades e extrair os recursos das Américas. Eles forçaram milhões de africanos, na sua maioria sem nome, a atravessar o oceano Atlântico para o continente americano.

Os ataques, os sequestros, as guerras, a generalização do desprezo pelo valor humano, tudo isso destruiu o sistema social, político e econômico dessas comunidades. Povoados foram destruídos ou dispersos, propriedades rurais foram abandonadas e as pessoas viviam no terror.

Os negros africanos que vinham para o Brasil tinham como objetivo principal o trabalho escravo, a produção de mercadorias essenciais (açúcar, café, tabaco, algodão e o ouro) para a venda nos mercados internacionais, por meio do pacto colonial que Portugal estabeleceu no Brasil.

Figura 30: Escravos trabalhando no engenho de açúcar



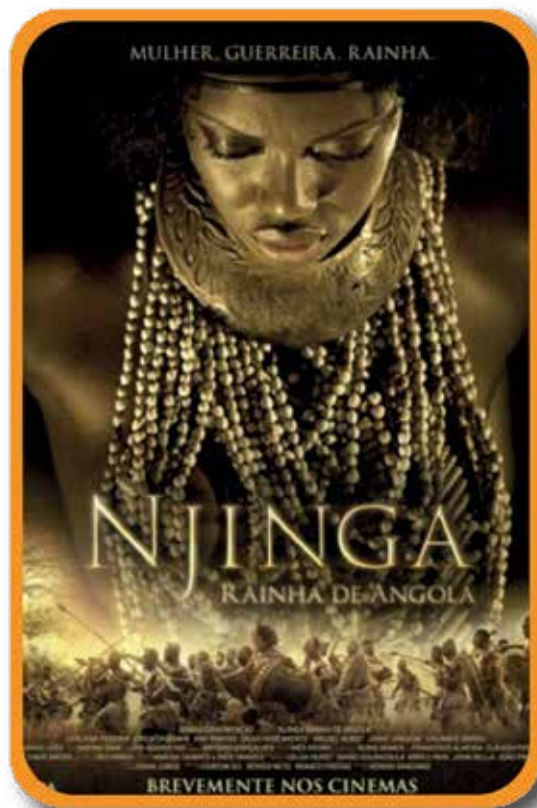
O Brasil foi no continente americano, a região que mais importou escravos africanos durante os mais de 300 anos de duração do tráfico transatlântico, entre os século XVI e meados do XIX. Foram, segundo estimativas mais recentes, em torno de quatro milhões de homens, mulheres e crianças, equivalente a mais de um terço de todo aquele comércio. Uma contabilidade que não é exatamente para ser comemorada, mas a partir dela é que se pode melhor entender a contribuição africana para a formação histórica e cultural do país.

A partir disso, a economia brasileira vai ser pautada no modo de produção escravista, já que na sociedade colonial e imperial existia um sistema integrado de escravização, tráfico de escravos e utilização interna dos cativos.

INDICAÇÃO DE FILMES



Pantera Negra (Black Panther) é um super-herói das histórias em quadrinhos publicadas pela Marvel Comics, cuja identidade secreta é a de T'Challa, rei de Wakanda, um reino fictício na África. Além de possuir habilidades aprimoradas, alcançadas através de um antigo ritual de Wakanda, T'Challa também conta com seu intelecto genial, treinamento físico rigoroso, habilidade em artes marciais, acesso a tecnologias avançadas e riqueza para combater seus inimigos.



Njinga, Rainha de Angola. Trata-se da saga da herdeira do rei mani Ngola Kiluanje Kia Samba, que vivia em Mbanza Kabassa, matriarca dos reinos de Matamba e Ndongo. O filme retrata as origens de um dos povos que a diáspora africana espalhou pelo mundo e que representa o maior número de africanos trazidos para cá, entre os séculos XVI e XIX.

ATIVIDADES

QUESTÕES DE APRENDIZAGEM

1º) Leia o texto:

RJ tem primeiro local de atendimento para vítimas de intolerância religiosa.

"Pelo amor que há na fé: eu respeito o seu amém e você respeita o meu axé". Foi com versos de tolerância as religiões no samba enredo que a escola Grande Rio conquistou o segundo lugar no Carnaval 2020. E no mesmo estado do Rio de Janeiro foi inaugurado o Núcleo de Atendimento às Vítimas de Intolerância Religiosa (Navir), na cidade de Nova Iguaçu.

O espaço vai atender pessoas vítimas de preconceito religioso, oferecendo atendimento psicológico e assistencial, além de orientações jurídicas. O núcleo ainda atuará na prevenção e no combate dessas violações de direitos, principalmente nas áreas em que há templos de religiões de matriz africana. A ideia é criar um banco de dados para que os casos e os boletins de ocorrência em delegacias sejam acompanhados com mais eficácia e também um memorial com utensílios sagrados de templos destruídos.

De acordo com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SESDSH), são aproximadamente 200 templos religiosos que correm risco de ataques na Baixada Fluminense. Só ano passado foram 132 violações aos templos no estado do Rio de Janeiro. Desses, 102 foram templos de matriz africana e 15 na região em que o Navir atua. Religiões como o catolicismo, protestantismo, rituais wicca e ecumenismo tiveram um registro cada uma, de acordo com dados da Superintendência de Igualdade Racial e Diversidade Religiosa... - DE JESUS, Marcelo. **RJ tem primeiro local de atendimento para vítimas de intolerância religiosa.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/02/27/atendimento-intolerancia-religiosa.htm>

De acordo com o texto, responda aos itens abaixo.

a) Compreender alguns aspectos da riqueza das religiões de matrizes africanas é o ponto de partida para combater o preconceito, que é a fonte da intolerância religiosa.

Logo, de acordo com a reportagem e seus conhecimentos, explique um dos fatores da intolerância religiosa ao Candomblé no Brasil.

b) Qual a importância de criar uma delegacia especial de atendimento para vítimas de intolerância religiosa?

2º) Leia o texto abaixo com muita atenção:

Griots: Contadores de Histórias

E o termo Griô é universalizante, porque ele em si já é extraído do termo Griot, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra “Creole”, ou seja, Criolo, a língua geral dos negros na diáspora africana. Foi uma recriação do termo gritadores, reinventado pelos portugueses quando viam os griôs gritando em praça pública.

Foi utilizado pelos estudantes afrodescendentes franceses para sintetizar milhares de definições que abarca. O termo griô tem origem nos genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todos os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país. Em África, existem termos em cada grupo étnico: dioma, dieli, funa, rafuma, baba, mabadi.

Os primeiros povos do Brasil também reconhecem no termo Griô a definição de um lugar social e político na comunidade para transmissão oral dos seus saberes e fazeres

O Griô surge como uma metáfora da memória e ancestralidade do povo brasileiro, memória viva de povos que não se calaram e mantiveram vivas suas tradições e identidades em comunidades de re-existência.

Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/>. Acesso em 02 fevereiro 2020

Quer saber mais sobre o Griot – Oralidade Africana assista a esse vídeo https://www.youtube.com/watch?v=rzmRw70_AFA

De acordo com o texto, responda aos itens abaixo.

- a) Qual o significado do termo griô?
- b) Qual a função dos griots nas sociedades africanas?
- c) Qual o objetivo dos griô na atual sociedade brasileira?

3º) Leia a lenda abaixo sobre a Orixá Iansã.

Quando Deus (Olorum) deu atributo a cada Orixá, deu a Osaim a responsabilidade de cuidar dos vegetais. Daí, ele passou a ser o Orixá médico.

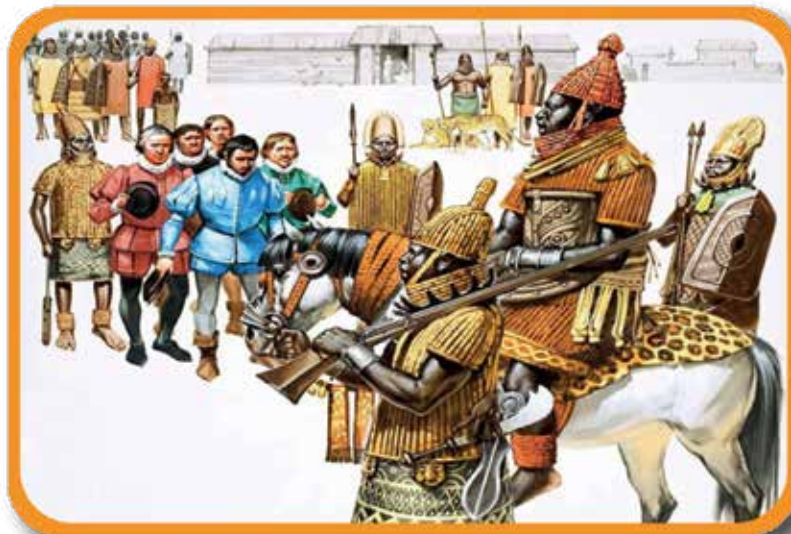
No entanto, as folhas não servem só pra remédio. Daí, quando cada Orixá precisava de alguma, tinha que depender da vontade de Osaim. Iansã, achando que todos tinham direito às folhas, embora a responsabilidade fosse de Osaim, tomou uma atitude: provocou um vendaval.

Quando todas as folhas espalharam-se, cada Orixá pegou as que lhe convinha. Por isso, apesar de Osaim ser o responsável pelos vegetais, cada Orixá tem direito a alguns apropriados.

A mitologia tem a função de explicar o mundo e seus fenômenos por meio da religião. Qual a lição que podemos retirar desta história mitológica?

4º) Analise a imagem e de acordo com ela e seus conhecimentos, responda aos itens.

Figura 31: Ilustração de oba (rei) do Reino de Benin sendo visitado por embaixadores portugueses



- a) Que personagens integram a imagem?
- b) Que função você acha que ocupam esses membros da corte do imperador, que estão do lado direito e esquerdo do Obá?
- c) Quais as funções do Obá?
- d) Qual o principal interesse dos embaixadores portugueses sobre o Reino de Benin?

5º) Observe a reprodução da obra de Johan Moritz Rugendas, que registrou o momento deste festejo no século XIX, no interior do país.

Figura 32: Festa de Nossa Senhora do Rosário, gravura de 1835 aproximadamente, de Johan Moritz Rugendas



A herança da cultura africana é um traço muito forte nas danças consideradas típicas no Brasil. Muitas dessas manifestações populares são acompanhadas por músicas e cantorias ritmadas pelo batuque, termo genérico que designa as danças e coreografias apoiadas por instrumental de percussão.

Ao chegar à colônia, os negros se reconheceram imediatamente com santos negros como são Benedito, o Africano, santa Efigênia, uma princesa etíope, e Nossa Senhora do Rosário.

Todos esses santos foram identificados com os ancestrais africanos e eram homenageados com cultos e igrejas construídas com o trabalho e o dinheiro de alforriados e escravizados.

(BEZERRA, Juliana. Congada. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/congada/>. Acesso em: 03 de mar. 2020)

a) Pela reprodução de Rugendas para a festa de Nossa Senhora do Rosário é possível defender a ideia de que ela ocorria em clima de total liberdade? Justifique sua resposta.

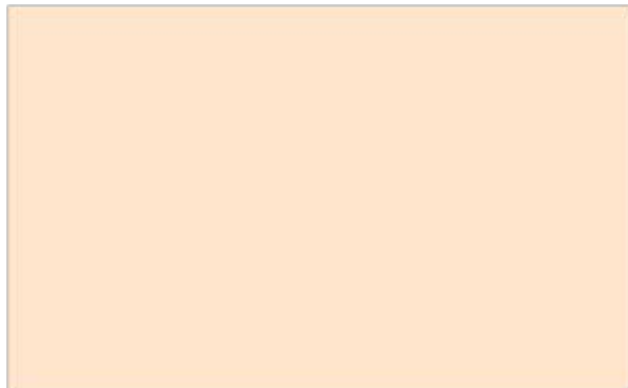
b) Analise a imagem da congada na atualidade da figura 16. Que observações você pode fazer a respeito da manutenção da tradição colonial?

c) O que demonstra a importância que os negros davam a esse ritual?

6º) Baseado nos estudos acima sobre a História da África, analise as imagens a seguir, apontando características da cultura material ou imaterial africana (crença, prática, objeto, ou vestígio a que elas se referem.

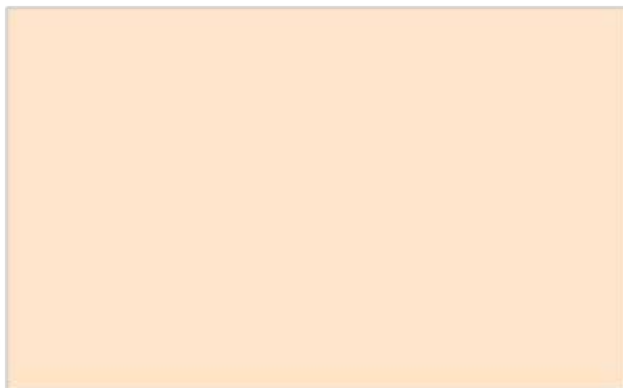


Bronzes de Benin





Intolerância Religiosa



QUESTÕES PROPOSTAS

1º) Estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade própria, bem como pela de todos descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza.

(Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. In: Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005)

O Movimento Negro reivindica o estudo das africanidades com o propósito de que os currículos escolares, em todos os níveis de ensino

A) omitam as relações étnicas no Brasil e analisem a perversidade da assim designada “democracia racial”;

B) permitam respeitar as expressões culturais indígenas, juntamente com outras de diferentes raízes étnicas;

C) valorizem igualmente as semelhanças da cultura brasileira dos diferentes segmentos étnicos da sociedade brasileira;

D) encontrem formas de levar a refazer concepções relativas à população branca, forjadas com base em preconceitos,

E) ensinem a respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar dos distintos grupos que constituem o povo brasileiro.

2º) O mundo dos escravos não era homogêneo. Distingua-se, em primeiro lugar, entre o cativo recém-chegado da África, o ‘boçal’, e o ‘ladino’ – africano já aculturado e entendendo o português. Os africanos eram, como um todo, opostos aos ‘crioulos’ nascidos no Brasil. Havia ainda distinções reconhecidas entre ‘nações’ africanas de origem, diferentemente valorizadas. E, dada a mestiçagem, a pele mais ou menos clara também era fator de diferenciação. Os mulatos e os negros crioulos eram preferidos para

as tarefas domésticas, artesanais e de supervisão, cabendo aos negros, sobretudo os africanos, a dura labuta dos campos e outras tarefas pesadas.

(CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. “O trabalho na Colônia”. In: Linhares, Maria Yedda. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro, Campus, 1990. P. 80-81)

Infere-se do texto que

A) africanos que chegaram ao Brasil formaram uma classe homogênea, onde se revezavam nas lavouras e nas tarefas domésticas;

B) trabalhadores escravos negros eram importantes para o trabalho na lavoura e outros serviços braçais na colônia;

C) trabalhadores negros livres eram indispensáveis para a economia colonial brasileira;

D) negros crioulos eram preferidos para o trabalho no campo e tarefas domésticas;

E) mulatos e negros crioulos eram preferidos para as tarefas pesada.

GABARITO

Texto de Abertura do capítulo

01. Resposta pessoal

02. Com palavras na língua iorubá: Ilê (casa) e Aiyê (terra). Por aproximação, contava a yalorixá e líder do terreiro Ilê Axé Jitolu - o significado do nome do bloco seria "A Casa de Todos". Ilê-Aiyê também significa "O mundo" ou "A Terra da Vida" ou ainda, "Festa do ano-novo", referência à festa profano-religiosa que os negros sudaneses realizavam na Bahia.

03. O estudo da matriz afro é fundamental à construção de identidades. 2: Atender a uma antiga reivindicação dos movimentos indígenas e dos movimentos negros: "o direito à história". 3: O estudo dessa temática contribui para a educação voltada à intolerância e ao respeito ao "outro" e, assim sendo, é indispensável a toda a população brasileira, seja ela indígena, afro-brasileira ou não.

Aprendizagem

1º)

a) Devido ao fato que a Igreja Católica não aceitava outros cultos religiosos durante o Brasil Colônia e Império, já que o catolicismo estava como a religião oficial do Brasil, e com isso era disseminado como uma feitiçaria, coisa do diabo, uma religião do mal e assim foi se perpetuando ao longo da História.

b) Para que a investigação seja realizada com mais rapidez e possuir um olhar especial para os adeptos de religiões que foram historicamente, no Brasil, perseguidas e discriminadas.

2º)

a) O termo griô é universalizante porque ele, em si, já é extraído do termo Griot, que, por sua vez, define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra "Creole", ou seja, Criolo, a língua geral dos negros na diáspora africana.

b) São genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todos os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país.

c) O griô surge como uma metáfora da memória e ancestralidade do povo brasileiro, memória viva de povos que não se calaram e mantiveram vivas suas tradições e identidades em comunidades de re-existência.

4º)

a) O imperador Obá, membros de sua corte, embaixadores portugueses.

b) São chefes militares, que compõe a sua guarda pessoal. É possível saber pelas armas de fogo, lanças e escudos que se encontram em suas mãos.

c) Eram inicialmente senhores da guerra e com o tempo foram convertendo-se também em líderes espirituais.

d) Conseguir mão de obra escrava para comercializarem na América.

5º)

a) Pela observação da imagem, os alunos poderão indicar que toda a cena se dá sob o olhar atento de guardas localizados nas extremidades do grupo principal. A existência dos guardas remete à ideia de liberdade vigiada, para evitar-se os excessos.

b) Percebe-se a manutenção da tradição em regiões diferentes do país. Embora haja algumas diferenças, como a caracterização dos participantes, percebemos também que esses participantes são predominantemente negros e a festa é realizada ao ar livre.

c) O grande número de negros escravos festejando através do som (devido aos instrumentos de tambores que alguns utilizam) e dança (devido a Rugendas ter pintado o quadro dando a sensação de movimento).

Questões Propostas

1º) LETRA E

Comentário da 1ª questão

A) O Objetivo dos currículos escolares não é omitir sobre a História do Negro e sim, torná-la evidente no ensino de História nas salas de aula.

B) O texto trata dos estudos da África e o item tem como errado a palavra indígena.

C) A palavra que torna o item errado é “semelhança”, já que a Cultura Brasileira é bem diversificada.

D) O item está todo correto, o que torna a sentença falsa é a referência à população branca, já que o texto fala sobre a população negra.

E) Com a Lei 10.639/03 foi obrigatória a inclusão da História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares de todas as escolas privadas e públicas de todos os níveis de ensino, com o objetivo de valorizar e conhecer a história do negro que compõe a sociedade brasileira.

2º) LETRA B

Comentário da 2ª Questão

A) Os africanos que vieram ao Brasil formaram uma classe heterogênea, já que vieram para o Brasil diferentes troncos culturais como Sudaneses e Bantos, povos que se encontravam no litoral da África com diversificadas características culturais.

B) Os latifundiários de terra no Brasil preferiam a mão de obra escrava negra, já que os índios davam muito trabalho para o trabalho escravo e o negro já possuía experiência com a forma de trabalho escravo, além disso, eles eram mais fortes fisicamente do que os indígenas.

C) Os trabalhadores negros que eram indispensáveis para o Brasil eram os africanos escravizados, e não os livres, que eram quase inexistentes.

D) Os negros africanos eram preferidos para o trabalho no campo, e não nas tarefas domésticas.

E) Os negros africanos eram preferidos para o trabalho no campo e os mulatos e negros crioulos eram preferidos para o trabalho doméstico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1: Ilê Ayiê, primeiro bloco afro da Bahia, irá celebrar as religiões de matriz africana por meio das contribuições dadas aos afro-brasileiros pelos povos Jeje no carnaval de 2017.
- FIGURA 2: Membros do bloco Ilê-Aiyê no camarote, acompanhando o cortejo.
- FIGURA 3: Menino Karo, sul da Etiópia.
- FIGURA 4: Mapa da cultura Jeje.
- FIGURA 5: Festival Vodun.
- FIGURA 6: Zangbetos — São guardiões cobertos da cabeça aos pés por uma fantasia feita de palha.
- FIGURA 7: Matrizes linguísticas da África.
- FIGURA 8: Mapa do Reino do Congo e seus vizinhos no século XVI.
- FIGURA 9: Manicongo – João I do Congo de nome Nzinga a Nkuwu – Monarca do Reino do Congo.
- FIGURA 10: Escultura em madeira, representando a maternidade na atual República Democrática do Congo.
- FIGURA 11: Os portugueses perante ao Rei do Congo.
- FIGURA 12: Realização improvisada de um missa nas terras congolesas. Curioso é que temos uma celebração cristã em sincretismo com características africanas. Ao fundo temos congoleses manuseando tambores.

- FIGURA 13: Mapa do Reino do Ndongo.
- FIGURA 14: Um griot se apresentando em Camarões (Foto: ©Prosper Pérez/ WikiCommons).
- FIGURA 15: Chegada dos Europeus no Reino do Ndongo.
- FIGURA 16: Monumento à Rainha Njinga Mbandi, no largo do kinaxixi. Luanda. É considerada pela história africana como uma grande líder, especialista na diplomacia.
- FIGURA 17: Cortejo do Rei e da Rainha, na cidade Uberlândia, Minas Gerais.
- FIGURA 18: Roda de Capoeira.
- FIGURA 19: Personagens do Maracatu Nação.
- FIGURA 20: Mapa do povo Iorubá.
- FIGURA 21: Escultura em Bronze, Latão do séc. XIV, localizado no Museu Britânico, Londres.
- FIGURA 22: Localização de Oyo.
- FIGURA 23: Ogum.
- FIGURA 24: O Obá (Rei em Iorubá) Lamidi Olayiwola Adeyemi III.
- FIGURA 25: O mapa não só mostra a área que o Reino de Benin abrangeu (Amarelo), mas também várias rotas comerciais e cidades importantes, como Gwato.
- FIGURA 26: Cabeça comemorativa, de latão, de um obá do Benin (Nigéria). (Foto: J. Ploskonka).

- FIGURA 27: Obá Esigie, no centro, montado a cavalo em uma procissão real, tem os braços amparados por servidores jovens enquanto outros dois protegem sua cabeça. Seus pés estão apoiados sobre um servidor anão. O rei usa coroa e colares de coral que lhe cobrem a boca. Latão, 48 x 39 x 2 cm, séc. XVI-XVII, Edo/Reino de Benin, Nigéria, Museu Etnológico de Berlim.
- FIGURA 28: Casa de Pai Anderson, Rio de Janeiro (Foto: Natalia da Luz / UNIC RIO).
- FIGURA 29: Negros no Fundo do Porão – 1835 – Litografia de J. M. Rugendas.
- FIGURA 30: Escravos trabalhando no engenho de açúcar.
- FIGURA 31: Ilustração de oba (rei) do Reino de Benin sendo visitado por embaixadores portugueses.
- FIGURA 32: Festa de Nossa Senhora do Rosário, gravura de 1835 aproximadamente, de Johan Moritz Rugendas.

REFERÊNCIAS

AGENCIA BRASIL. Membros do bloco Ilê-Aiyê no camarote, acompanhando o cortejo. **Ibahia**, 2017. Disponível em: <https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/ile-ayie-counta-a-historia-do-povo-jeje-e-leva-mensagem-contr-a-intolerancia/>. Acesso em: 02 fev. 2020.

AIDAR, Laura. Capoeira. **Toda matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/capoeira/>. Acesso em: 08 fev. 2020.

AIDAR, Laura. Grupo de capoeiristas. **Toda matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/capoeira/>. Acesso em: 08 fev. 2020.

AIDAR, Laura. Maracatu. **Toda matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/maracatu/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

AIDAR, Laura. Personagens do Maracatu Nação. **Toda matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/maracatu/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ALAGOA, E. J. **Do delta do Níger aos Camarões: os fon e os iorubá**. In: OGOT, Bethwell Allan. (Ed) História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Brasília: UNESCO. p. 519-540, 2010.

BEZERRA, Juliana. Candomblé. **Toda matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/candomble/>. Acesso em: 29 fev. 2020.

BEZERRA, Juliana. Cortejo do Rei e da Rainha, na cidade Uberlândia, Minas Gerais. **Toda matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/congada/>. Acesso em: 08 fev. 2020.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania 7º ano**. São Paulo: FTD. p. 134-135, 2004.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania: volume único**. 2 ed. São Paulo: FTD, 2013. p. 265.

BYZANTIUM. **Ilustração de oba (rei) do Reino de Benin sendo visitado por embaixadores portugueses**. 2010. Disponível em <https://www.deviantart.com/byzantium/art/ancient-africa-3-153815665>. Acesso em: 07 mar. 2020.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNKOFF, Miriam. **Ritmos da História: 7º ano**. 3 ed. São Paulo: Escala educacional, 2009.

CARVALHO, Flávia Maria de. O Reino do Ndongo no Contexto da Restauração: Mbundus, Portugueses e Holandeses na África Centro Ocidental. Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, Ano IV, n. 7, p. 09-16, 2011.

CARVALHO, Talita de. Intolerância Religiosa. **Politize**, 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/intolerancia-religiosa/>. Acesso em: 07 mar. 2020.

COUNTRYMETERS. **População da Nigéria (1951 - 2020)**. 2019. Disponível em: <https://countrymeters.info/pt/Nigeria>. Acesso em: 18 fev. 2020.

CURADO, Adriano. Escravos trabalhando no Engenho de açúcar. **R7**, 2020. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/como-o-ciclo-do-acucar-financiou-a-colonizacao-brasileira/>. Acesso em: 18 mai. 2020.

DA LUZ, Natália. **Casa de Pai Anderson**. Rio de Janeiro / UNIC RIO. 2017. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ioruba-precisa-ser-reconhecido-como-parte-da-nossa-cultura>. Acesso em: 26 fev. 2020.

DOMINGUES, Joelza Ester. Bronzes de Benin: Arte africana com domínio da tecnologia. **Ensinar história Joelza**, 2020. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/bronzes-de-benin-arte-africana-tecnologia/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

DOMINGUES, Joelza Ester. Reino do Ndongo. **Ensinar história Joelza**, 2015. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/nzinga-guerra-portugueses/>. Acesso em: 16 mai. 2020.

ENCYCLOPÉDIA BRITANNICA, Inc. **Localização de Oyo**, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/reino-Oyo/482136/recursos/177401>. Acesso em: 08 mar. 2020.

FERNANDES, Cláudio. Reino de Benin. **Mundo educação**, 2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/reino-benin.htm>. Acesso em: 26 fev. 2020.

GOBIERNO DE CANARIAS. **Luba**. Escultura em madeira, representando a maternidade na atual República Democrática do Congo. Disponível em: <http://www.gobiernodecanarias.org/cultura/arte/madreafrica/8.html>. Acesso em: 08 fev. 2020.

ILÊ AIYÊ OFICIAL. Ilê Ayiê, primeiro bloco afro da Bahia. **Página do Facebook**, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/ileaiye/photos/a.300780193271959/1609293405753958/?type=3&theater>. Acesso em: 08 fev. 2020.

LANGE, Dierk. **Reinos e povos do Chade**. In: NIANE, Djibril Tamsir (Ed) História geral da África, IV: África do século XII ao XVI. Brasília: UNESCO. p. 282, 2010.

LE JEUNE, Pierre Duflos. Histoire des Voyages NYPL. Manicongo - Monarca do Reino do Congo. **Wikipedia**, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_I_do_Congo#/media/Ficheiro:Jean_Roy_de_Congo.jpg. Acesso em: 16 mai. 2020.

LOVEJOY, Paul. **A escravidão na África - uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 38-40, 2002.

MAWO, Adelson. O Obá (Rei em Iorubá). **Casa da Nigéria**, 2014. Disponível em: <http://casadanigeria.blogspot.com/2014/07/alaafin-ilu-oba-oyo-ti-de.html>. Acesso em: 17 mai. 2020.

MEDEIROS, Rostand. Portugueses no Congo: aliança e opressão. **Tok de história**, 2015. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2015/10/30/portugueses-no-congo-alianca-e-opressao/>. Acesso em: 08 fev. 2020.

MEGA CONSTRUCCIONES. **Monumento à Rainha Njinga Mbandi, no largo do kinaxixi**, 2020. Disponível em: <https://megaconstrucciones.net/?construccion=luanda>. Acesso em: 08 mar. 2020.

MISSIONÁRIOS DO REINO DO CONGO. **Realização improvisada de um missa nas terras congolesas**, 2020. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/felipe/imagens.html>. Acesso em: 16 mai. 2020.

MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Roseane de. **Perspectiva História**, 7. São Paulo: Ed. do Brasil. p. 168-169, 2012.

MONTEIRO, Syonara. Ilê Ayiê conta a história do povo Jeje e leva mensagem contra a intolerância. **Agência Brasil**, 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-02/ile-ayie-counta-historia-do-povo-jeje-e-leva-mensagem-contra-intolerancia>. Acesso em: 02 jan. 2020.

O FASCINANTE UNIVERSO DA HISTÓRIA. **A tradição Yorubá**. 2010. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/09/tradicao-ioruba.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

O FASCINANTE UNIVERSO DA HISTÓRIA. **Arte Ife: uma herança surpreendente e sofisticada da Nigéria**. 2010. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/04/arte-ife-uma-heranca-surpreendente-e.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

O FASCINANTE UNIVERSO DA HISTÓRIA. **O Reino de Oyo**. 2010. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2009/10/o-reino-de-oio.html>. Acesso em: 08 mar. 2020.

O FASCINANTE UNIVERSO DA HISTÓRIA. **Os portugueses perante o rei do Congo**. National Maritime Museum. 2010. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/06/o-reino-do-congo-em-finais-do-seculo-xv.html>. Acesso em: 03 fev. 2020.

O FASCINANTE UNIVERSO DA HISTÓRIA. **Reino de Benin (Amarelo)**, 2020. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2009/10/o-reino-de-benin.html>. Acesso em: 08 mar. 2020.

OGOT, Bethwell Allan. (Ed) **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, p. 654, 2010.

OKOAMPA-AHOOFE, Kwame. Cultura Jeje. **Modern Ghana**, 2018. Disponível em: <https://www.modernghana.com/news/906737/anlo-ewes-voted-in-the-1956-plebiscite.html>. Acesso em: 16 mai. 2020.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A invenção dos iorubás na África Ocidental. Reflexões e apontamentos acerca do papel da história e da tradição oral na construção da identidade étnica. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 27, n. 1/2/3, pp. 148-162, 2005.

OXALÁ, Paulo de. As palavras Jeje na formação do candomblé. **Paulo de Oxalá**, 2013. Disponível em: <https://paulodeoxala.jimdofree.com/2013/07/22/as-palavras-jeje-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-candombl%C3%A9/>. Acesso em: 03 fev. 2020.

PEREIRA, Joseane. Até os dias de hoje os Griots seguem em seu papel de guardiões da tradição. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/griots-os-contadores-de-historias-da-africa-antiga/>. Acesso em: 18 mai. de 2020.

PEREIRA, Joseane. Menino Karo, sul da Etiópia. **UOL**, 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/voce-sabe-quantas-etnias-existem-na-africa.phtml>. Acesso em: 18 mai. 2020.

PÉREZ, Prosper. Um griot se apresentando em Camarões. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/griots-os-contadores-de-historias-da-africa-antiga/>. Acesso em: 18 mai. 2020.

PITTA, Valter. Tradição Iorubá. **Civilizações africanas**, 2010. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/09/tradicao-ioruba.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. **Setas para o infinito**, 2013. Disponível em: <http://setasparaoinfinito.blogspot.com/2013/04/lendas-dos-orixas-orania.html#ixzz6EyVTmTcj>. Acesso em: 25 fev. 2020.

REINO DE BENIM in Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-05-20 12:44:44]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$reino-de-benim](https://www.infopedia.pt/$reino-de-benim). Acesso em: 26 fev. 2020.

REIS, João José. **A presença negra: encontros e conflitos**. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000.

RODRIGUES, Marília Mezzomo. **História: 7º Ano**. Brasília: Edebê. p. 118-120, 2013.

RUGENDAS, Johan Moritz. Festa de Nossa Senhora do Rosário. **Biblioteca Virtual**, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/cultura-e-folclore-paulista-dancas-e-folguedos.php>. Acesso em: 08 mar. 2020.

RUGENDAS, Johan. Negros no Fundo do Porão - 1835. **Portal Geledés**, 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/tag/escravidao-no-brasil/?gclid=CjwKCAjw5Ij2BRBdEiwA0Frc9R4tVEYtyx1ByxMlyWVlsq2vsn4iHwmjXXInM8Nk4mVvDD8BefWEgRoCeXEQAvD_BwE. Acesso em: 18 de mai. 2020.

SALAMANCA, Alex. 25 coisas verdadeiras que você talvez não saiba sobre o vodun. **List 25**, 2016. Disponível em: <https://list25.com/25-true-things-you-may-not-know-about-voodoo/>. Acesso em: 16 mai. 2020.

SALAMANCA, Alex. Festival Vodun, **Mega Curioso**, 2016. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/religiao/98387-17-curiosidades-fascinantes-sobre-o-vodu.htm>. Acesso em: 16 mai. 2020.

SALAMANCA, Alex. Zangbetos. **Mega Curioso**, 2016. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/religiao/98387-17-curiosidades-fascinantes-sobre-o-vodu.htm>. Acesso em: 16 mai. 2020.

SAMBA JAMBO. Matrizes linguísticas da África. **Samba Jambo**, 2013. Disponível em: <https://sambajambo.wordpress.com/2013/05/08/bantos-males-e-identidade-negra/>. Acesso em: 02 fev. 2020.

SANTIAGO, Emerson. Império Benin. **Infoescola**, 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/africa/imperio-do-benin/>. Acesso em: 26 fev. 2020.

SANTOS, Antônio Carlos dos. Os povos Ewé/Fon. A influência dos povos Jeje para os afrodescendentes. **IRDEB**, 2017. Disponível em: <http://www.irdeb.ba.gov.br/tamboresdaliberdade/?p=1858>. Acesso em: 03 fev. 2020.

UNESCO. Chegada dos Europeus no Reino do Ndongo. **UNESCO**, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931>. Acesso em: 16 mai. 2020.

VANSINA, Jan. O Reino do Congo e seus vizinhos. In: OGOT, Bethwell Allan. (Ed) **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO. p. 648-662, 2010.

VIAGENS EM ESCRAVO. Explorar a dispersão de africanos escravizados pelo mundo Atlântico. **Slave Voyages**, 2020. Disponível em: <https://slavevoyages.org/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

VICENTINO, Cláudio. **Projeto Radix: história 7º ano**. São Paulo: Scipione. p. 129-132, 2009.

WIKIPEDIA. **Cabeça de bronze de Ife**. **Museu Britânico**, Londres, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabe%C3%A7a_de_bronze_de_Ife. Acesso em: 18 fev. 2020.